

Desenvolvimento Comunitário: das Teorias às Práticas

**Turismo, Ambiente e Práticas Educativas
em São Tomé e Príncipe**

ORGANIZADORES

Brígida Rocha Brito (Coord.)

Nuno Alarcão

Joana Marques

Ficha Técnica

Título: Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas
Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe

Organizadores: Brígida Rocha Brito (Coord.); Nuno Alarcão; Joana Marques

Colaboração: Joaquim Pinto; Bastien Loloum; Ana Sofia Alarcão; Fernanda Alvim

Autores: Adelina Pinto, Ana Cristina Palos, Ana Cristina Silva, Antónia Barreto, António Guedes, António Martelo, António Rodrigues, Araceli Serantes Pazos, Arlindo de Carvalho, Bastien Loloum, Brígida Rocha Brito, Bruno Silva, Carlos Vales, Céu Teiga, Cláudia Silva, Conceição Afonso, Danilo Barbero, Drausio Annunciato, Eleutério da Assunção, Eugénia Gonçalo, Eva Vidal, F. Veloso-Gomes, Germán Vargas, Irene Nunes, Isabel Rodrigues, Isaura Carvalho, Ivanete Nardi, Joana Marques, João Martins, Joaquim Ramos Pinto, Jorge de Carvalho, Jorge Bom Jesus, Luís Mário Almeida, Luís Moita, Manuela Cardoso, Márcia Moreno, Marcela Sobral, Mariana Roldão Cruz, Maria Teresa Andresen, Mariana Carvalho, Mário Freitas, Miguel Silveira, Nora Rizzo, Nuno Alarcão, Pablo Meira, Pedro Morais, Pedro Teiga, Rafael Branco, Raquel Lopes, Rogério Roque Amaro, Rosa Madeira, Vítor Reis, Xavier Muñoz y Torrent, Yossene Santiago

Revisão: Equipa do Projecto PTDC/AFR/69094/2006, Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE)

Financiamento e Apoios: FCT, CPLP, Delta

Organização do Seminário: Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE); Direcção-Geral do Ambiente e Direcção de Turismo da República Democrática de São Tomé e Príncipe; Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental (NEREA-Investiga)

Outros Apoios no âmbito do Seminário: FCT, Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, CEIDA, TAP Portugal, BANIF, Câmara Municipal de Lisboa, Culturália

Local: Lisboa

Ano: 2009

1.ª Edição (Janeiro 2009)

Tiragem: 400 exemplares

Capa e Maquetização: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.

Edição: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.
Rua Joaquim Casimiro 6, 4.º Dt.º, 1200-696 Lisboa
e-mail: gerpress@sapo.pt

Depósito Legal: 287.969/09

ISBN: 978-989-96094-0-2

O Ecoturismo e a Conservação, experiência da Associação Monte Pico¹

Luís Mário de Almeida (Presidente da Associação Monte Pico)

Eu tenho o Ecoturismo no coração. Hoje venho falar-vos sobre a experiência da Monte Pico e vou começar por fazer a apresentação da Associação. A Associação Monte Pico foi formalmente criada em 1996 como uma iniciativa de alguns trabalhadores assalariados do Projecto ECOFAC. É uma associação laica que foi inicialmente constituída por dezassete membros e que actualmente é já uma Organização Não Governamental (ONG) formada por trinta e sete membros efectivos e um benemérito. O nosso percurso e experiência começaram com o Projecto ECOFAC, numa actividade de subida ao Pico de São Tomé, em 1992. Foi uma tarefa muito difícil porque muitas coisas estavam abandonadas e muitas pistas não existiam.

Os principais objectivos da Associação são promover um turismo responsável em São Tomé e Príncipe, participar no desenvolvimento rural de forma sustentável e promover a conservação da natureza. O primeiro objectivo é a promoção do turismo responsável em São Tomé e Príncipe. Uma das primeiras coisas em que nós pensámos foi promover a formação contínua dos nossos membros porque considerámos fundamental que dispusessem de conhecimentos para poderem pôr em prática aquilo que é a nossa ambição e os nossos objectivos. A coisa mais importante é trabalhar o Homem porque é o Homem que destrói a natureza. A nossa prestação de serviços turísticos consiste no acompanhamento de visitantes com guias ecológicos. Temos fundamentado a nossa acção principalmente nas actividades de observação de pássaros e na subida aos picos de São Tomé. Além disso, promovemos a divulgação da flora de São Tomé, temos encorajado a nova geração para a prática do turismo responsável, e ainda fazemos a abertura e a manutenção das pistas e das infraestruturas dentro e fora do Parque.

O segundo objectivo é a promoção do desenvolvimento rural e com essa preocupação foi criado um viveiro florestal com plantas nativas para madeiras, frutos e combustíveis. Têm sido organizadas algumas actividades recreativas e desportivas promovendo-se o intercâmbio com as comunidades rurais e realizado o apoio a algumas escolas situadas nas zonas periféricas do Parque Obô de São Tomé. Esta iniciativa partiu da Associação, porque pensamos que não se pode fazer turismo se esta actividade não tiver o seu susten-

¹ *Texto transcrito a partir de gravação da comunicação oral apresentada no Seminário Internacional no dia 25 de Julho de 2008 na Mesa Redonda "O Impacto do Ecoturismo nas Comunidades Locais", Palácio dos Congressos, São Tomé.*

to próprio e uma das formas de criar sustentabilidade no ecoturismo reside também na reflorestação. Por outro lado, temos promovido a organização e a realização de actividades recreativas e desportivas com intercâmbio com as comunidades rurais, como forma de as integrar naquilo que é para nós o desenvolvimento rural. Muitas das pessoas que integram estas acções estão nas roças onde não existem actividades deste género. Então nas horas livres têm a possibilidade de fazer coisas diferentes daquilo que é, para elas, o normal. Assim pensamos que, se fizéssemos intercâmbio desportivo, talvez as pessoas acabassem por se fixar nas zonas rurais e se sentissem mais valorizadas ali. O apoio que temos dado a algumas escolas situadas na zona da periferia do Parque é também devido ao facto de considerarmos importante a realização dessas actividades com as escolas. As crianças e os jovens devem ter alguns conhecimentos ligados à nossa natureza, à ecologia e ao Parque e é cada vez mais importante desenvolver actividades em conjunto para a sensibilização, a formação, a animação dos nossos meninos no espaço que rodeia o Parque Obô.

O terceiro objectivo é a conservação e a preservação da natureza. Com esta preocupação temos apoiado e prestado assistência à realização de estudos científicos sobre a fauna e flora de São Tomé. Tivemos também acções sobre a forma como a população usa os recursos naturais e se relaciona com as áreas protegidas, sobre a manutenção do Jardim Botânico do Bom Sucesso; estabelecemos parcerias nacionais e internacionais para a implementação de projectos na área da conservação da natureza; e procedemos à identificação dos valores socioculturais mais importantes e que condicionam a conservação ecológica. Esta identificação tem estado a surtir grandes efeitos porque nos tem permitido recolher o contributo de pessoas que não têm conhecimentos científicos mas que nos têm ajudado pelas informações e conhecimentos da realidade de que dispõem, dando a conhecer aos nossos cientistas aspectos importantes para a valorização da natureza e do sistema ecológico a nível nacional.

Nas actividades com espírito desportivo costumamos adoptar a seguinte metodologia: em primeiro lugar, plantamos árvores e levamos uma bola para que, no fim dos jogos e dos torneios, a deixamos como recordação. Essa recordação é uma forma de incentivar a partilha e o intercâmbio. Mais tarde, quando voltarmos, podemos voltar a jogar e plantar mais árvores com eles. Se tivermos por exemplo cinco árvores plantadas por cada um já temos uma boa contribuição para o meio ambiente.

Para atingir os nossos objectivos também queremos aumentar o número de membros que tenham espírito de conservação e isso é muito importante. Quantos mais membros tivermos com este entendimento melhor, porque nós pensamos que todos os santomenses devem ter espírito de conservação. A conservação não pode ser só um problema do Direcção-Geral do Ambiente, deve ser um problema de todos, por isso, nós estamos abertos

a receber todos aqueles que querem ser membros desde que tenham vontade e espírito de conservação do nosso ambiente.

Em relação à nossa experiência no domínio do ecoturismo, é preciso falar primeiro o que foi o ecoturismo ontem. A palavra ecoturismo para nós é uma coisa nova. Muitas pessoas falam do ecoturismo, falam, mas não sabem o que a palavra significa na prática, e percebemos isso quando constatamos que têm animais como os macacos e os papagaios presos. Não sabem. No início, nós também tivemos esse problema. Durante vários anos fomos guias florestais, nós guiávamos as pessoas, íamos com elas para o mato, mostrávamos mas não sabíamos o que estávamos a explicar. Nós descobrimos pistas mas sem saber o sentido real dessas descobertas. Éramos chamados de matadores de cobras porque cada vez que íamos para o mato éramos acusados de matar as cobras. Nós víamos a floresta como uma coisa perigosa, como nenhum santomense pensa até hoje. Víamos o mato como uma coisa perigosa, que fazia mal ao Homem, porque havia lá nefuntos e outras coisas. Antes, quando subíamos ao Pico, ou visitávamos a nossa floresta deixávamos lá os lixos; levávamos as latas, comíamos atum, sardinhas e deixávamos lá todo o lixo. Mas hoje nós temos outra visão. Guiamos as pessoas para as nossas florestas mas com intenção de mostrar tudo de bom, o melhor, sem deixar nada que seja perigoso ou poluição para a nossa floresta. Todo o lixo que levamos para o mato voltamos a trazer. Levamos garrafas, latas, plásticos mas ao regressarmos trazemos tudo e vamos depositar no lugar próprio, na lixeira. Imaginemos que as pessoas vão ao Pico ou a Lagoa Amélia e continuavam a deixar os lixos. Nesta altura já não teríamos uma floresta saudável como nós pensamos que temos.

Outro cuidado que nós temos é sensibilizar os nossos visitantes, sempre que visitamos as nossas florestas, para que eles visitem sem alterar nada do que encontraram. Algumas pessoas que visitam as nossas florestas querem levar com elas sementes, cajamangas e outras coisas, mas isso pode ser perigoso porque pode alterar o nosso ecossistema. E nós advertimos e explicamos quais são os comportamentos ecológicos. As pessoas que vão, sobretudo pessoas que dizem ser ecologistas, de vez em quando acompanham turistas. Quando chegam e vêem algumas plantas no nosso Parque, tiram e dizem: “isto é bonito, vou levar para casa”. Nós chamamos logo à atenção porque isso não se faz. Se formos mil pessoas a visitar o nosso Parque, se todos quisermos levar um pedaço, daqui a uns anos não teremos nada.

Outra actuação que temos vindo a fazer é tentar converter os caçadores em guias turísticos. Essa experiência é muito importante e foi um dos bons resultados que conseguimos alcançar. Não sei se viram uma fotografia de uma escalada ao Pico em que eu estou no meio de duas pessoas. Essas pessoas eram caçadores de pombos que é um dos animais

que só se vê nas nossas florestas. E hoje esses caçadores são guias. Quando começámos a trabalhar juntos, quando víamos algumas espécies eles não conseguiam resistir. E hoje já não gostam de quem faz isso, não querem ver as pessoas a caçar e são os primeiros a chamar a atenção. Esta foi uma grande experiência que deve ter continuidade. Em dada altura também abrimos pistas para os turistas mas depois nem sempre resultou bem porque acabaram por fazer pistas para invadir o nosso Parque. Os impactos das pistas que nós abrimos para os turistas foram grandes porque as pessoas aproveitaram e começaram a invadir essas pistas. Hoje sabemos que sempre que abrimos pistas temos que fazer estudos e temos o cuidado para que essas pistas não sirvam para destruir as nossas florestas.

A nossa visão sobre o turismo em São Tomé é que o turismo deve ser de qualidade e para nós a qualidade significa manter e preservar a nossa biodiversidade. Quando digo biodiversidade refiro-me a tudo o que temos: respirar ar puro; beber uma água potável de qualidade; poder oferecer ao turista os frutos da nossa terra sem adubos e sem outros derivados químicos. Para mim, esta é que deve ser a qualidade em termos da prestação de serviços no turismo.

Uma das metas a atingir com a evolução do turismo, para mim e para nós da Associação Monte Pico, deve ser o bem-estar para todos os santomenses, através da adopção de boas práticas. Para a evolução do turismo é necessário ter cuidado com a degradação patrimonial. Eu digo isto porque podemos estar aqui a fazer coisas e a falar de turismo mas temos que ter cuidado na forma como se fala e no que se defende. Se muita gente for para a praia e deixar lá plásticos e outras coisas, certamente que vão degradar as nossas praias. Também não podemos pensar em turismo se não entrar dinheiro para nós, se não ganharmos e beneficiarmos com os serviços que prestamos e, neste contexto, é muito importante ter condições para valorizar os nossos quadros nacionais.

Para concluir, gostaria de deixar algumas recomendações: dar oportunidade de formação e informação a todos os que se dedicam ao Turismo, já que muitos proprietários de empresas que fazem exploração turística e que atendem visitantes não têm formação sobretudo no domínio do ecoturismo; criar condições estratégicas por parte do Governo para que a política de desenvolvimento do turismo seja uma séria, objectiva e contínua no tempo que facilite o trabalho dos que dedicam a sua vida ao turismo; promover um turismo nacional no sentido de dar a conhecer aos santomenses o seu próprio país porque não se pode desenvolver o turismo se os próprios santomenses não valorizam a sua terra e não conhecem os lugares mais típicos e importantes; reconstruir e cuidar do património para que quando os turistas visitam os lugares não encontrem as casas abandonadas e as roças degradadas. Muito obrigado pela atenção.